

Editorial

Nossa revista apresenta neste número um dossiê sobre currículo preparado por especialistas, professores pesquisadores da área, pessoas interessadas na escola e no lugar da escolarização na sociedade contemporânea. O tema me inspira a tomar a escola e seu entorno como objeto de pensamento e dois artigos de jornal balizam um pouco o rumo desta nossa prosa.

Em uma reportagem publicada em 8/7/2007 na *Folha de São Paulo*, “Formação de docente atrai mais aluno pobre”, o jornalista comentava alguns índices do questionário socioeconômico do ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - e deixava claro que os estudantes dos cursos de formação de professores são os que chegam à universidade mais despreparados, que detêm nível socioeconômico mais baixo e receberão no futuro os piores salários; afirmava, ainda, que é nesses cursos que se encontra o maior contingente de pretos, mulatos e pardos. Por outro lado, a mesma reportagem informa que os alunos que estudam mais, como os estudantes de Medicina, por exemplo, lêem menos, enquanto os alunos que lêem mais preferem a área de Ciências Humanas.

Uma matéria de jornal é sempre algo muito rápido e superficial, visando atingir um público muito amplo e leigo, mas neste caso parece ser mais do que isso: parece ser um arranjo dos dados para confirmar uma idéia já formulada anteriormente.

Vamos por partes: os poucos dados citados na matéria dão conta de informar que os alunos leitores buscam a área de Ciências Humanas e que os alunos dos cursos de Filosofia, Teatro, Ciências Sociais, Letras e História são aqueles que mais lêem além dos textos obrigatórios de seus cursos. Ora, dos cinco cursos mencionados, todos, exceto o de Teatro, formam professor — de Filosofia, de Português e Inglês, de História e de Ciências Sociais.

O jornalista ainda faz uma separação clara entre ler e estudar, o que não é pouco importante.

Entre os que estudam mais estão os alunos de cinco cursos: Medicina, Arquitetura, Física, Música e Filosofia. Aqui, também, dentre os cinco, três são cursos de formação de professores: Física, Música e Filosofia.

Entre os estudantes que lêem menos estão os dos seguintes cursos: Medicina, Engenharia e Farmácia. Entre os que dominam a língua inglesa estão os de Engenharia e Medicina. E entre os que disseram ter conhecimento nulo dessa língua estrangeira estão os alunos dos cursos: Normal Superior, Pedagogia, Serviço Social, Ciências Contábeis e Matemática. Ora, e para concluir a apresentação dos dados, temos que a maioria dos negros, pardos e mulatos estão nos cursos: Normal Superior, Arquivologia, Biblioteconomia, Geografia e História, três dos cinco destinados a formar professores.

Ao tentar entender a leitura dos dados feita pelo repórter da *Folha de São Paulo*, devo dizer que vejo em primeiro lugar dois grandes equívocos nessa matéria: o primeiro advém do desconhecimento do que seja a escolarização básica, no Brasil. O repórter parece imaginar que toda a escolarização não passa das quatro séries iniciais, de responsabilidade dos professores formados no Curso Normal Superior e nos cursos de Pedagogia. É preciso ter em conta que a escolarização básica, composta pelo Ensino Fundamental e Médio, é de responsabilidade dos professores formados nos cursos de: Letras, Matemática, História, Geografia, Física, Química, Biologia, Artes, Educação Física, Ciências Sociais, Filosofia e Pedagogia, além dos egressos do Curso Normal Superior.

Não estou segura se o repórter é mal informado ou se - graças aos preconceitos com relação a pobres, pretos e pardos e às campanhas sistemáticas que se fazem na imprensa sobre a escola, sobre os professores e sobre os serviços públicos em geral -, ao fazer a descrição e apresentação dos dados, já elaborava a prescrição perversa que associava formação de professores e cursos de baixo prestígio com ausência de cultura geral e pouco rigor acadêmico.

Com os mesmos dados poder-se-ia fazer um outro título para a matéria: “Estudantes dos cursos de formação de professores estudam mais e lêem mais que seus colegas das áreas de Medicina e Engenharia”. O que seria mais justo, porque o número de cursos que forma professores é maior do que o dos demais cursos.

Todos sabemos que a arquitetura dos dados - a sua forma de apresentação - em um artigo ou reportagem não é neutra; entretanto, esta, oferecida pela *Folha de São Paulo*, denuncia o trato irresponsável de um dos órgãos de imprensa capazes de atingir até um milhão de leitores por dia.

Por outro lado, a mesma reportagem apresenta tabelas de cursos, como se estes fossem todos iguais, independentemente das universidades onde se inserem e como se universidades privadas - de natureza confessional ou empresarial - ou públicas também se equivalessem. A hierarquia entre as áreas de conhecimento e o *ranking* das universidades são temas sobejamente conhecidos e não vale a pena discutir neste texto, pois aqui interessa mais tratar de como a imprensa tem desempenhado seu papel.

É oportuno ainda observar que, para legitimar a reportagem, o jornalista entrevista a presidente da ANPED, um economista e uma empresária da educação e insere três parágrafos conclusivos, provavelmente recortados de uma reflexão muito mais extensa.

Um segundo texto de jornal provocou-me a escrever sobre este tema: o artigo “O despertar do gigante”, de 9/7/2007, na mesma *Folha de São Paulo*, no qual o economista Ricardo Knoepfelmacher fornece receitas fáceis para a solução do problema da educação nacional.

Diz o douto economista, formado pela Universidade de Thunderbird (EUA), que desde 2005, quando nasceu o movimento conhecido como *O Compromisso Todos pela Educação, uma iniciativa que uniu a sociedade civil, o setor privado e os gestores públicos, o país começou uma revolução: atribuiu status à educação, tornando-a prioridade, incluída enfim na agenda nacional. O Compromisso Todos pela Educação, capitaneado pelo empresário Jorge Gerdau, nasceu com a missão de democratizar o acesso à educação para todas as crianças e jovens.*

O articulista ainda afirma que, segundo os dados do IBGE de 2005, 94% das crianças em idade escolar estão matriculadas na primeira série; de onde nosso autor conclui que *o mais difícil já foi feito.*

Se, no ano em que se criou o tal movimento *O Compromisso Todos pela Educação*, já estava resolvido o problema do acesso, a missão do movimento pareceria pífia. Entretanto, a receita a ser dada no referido artigo ainda estava por vir e aparece na melhor retórica dos anos 1970, período de plena hegemonia da Teoria do Capital Humano no Brasil. Se não, vejamos: *O bom funcionamento de uma escola requer infra-estrutura adequada, boas instalações, bibliotecas, computadores e, principalmente, professores bem preparados e bons gestores na direção. É aí que os setores de telecomunicações podem fazer a diferença. A internet é o pilar central da sociedade da informação, e a telecomunicação, uma ferramenta indispensável para formar e treinar o capital humano.*

Assim o profeta moderno propõe a formação de professores pela internet, do que eu poderia inferir que o operador central dessa rede de saber, o alimentador, detentor do conhecimento produzido pela humanidade em todos os tempos, é deus, pois não me parece que nós tenhamos carência de meios de comunicação e informação e, nem por isso, a ignorância entre nós é hoje menor do que a de ontem.

Talvez fosse preciso lembrar ao douto economista que não se poderá alimentar a rede de formação de professores pela internet com o desconhecimento de dados elementares sobre a educação brasileira, como o revelado no seu próprio artigo. Falar em *revolução na educação* a partir de 2005 é uma heresia, falar em *treinar o capital humano*, hoje em dia, é uma afronta.

Mas esse artigo me obriga a pensar que há uma rede de interesses articulada em torno de um grande negócio: a formação de professores à distância. Dos

políticos aos empresários, passando por boa parte dos acadêmicos, vejo crescer a cada dia o número dos defensores do papel salvador das tecnologias, como se delas fosse possível fazer brotar o saber, como se não tivessem que ser operadas pelos mesmos professores que fazem hoje o ensino presencial.

A mesma máquina que desqualifica professores e instituições educacionais aponta a mídia e as tecnologias como solução para o problema. Entretanto, se tomarmos como exemplos os dois artigos do jornal, podemos ter idéia de como se pode operar a educação de massa, pela via da internet. Especialmente em uma sociedade que aprova os voluntários da educação e que tem entre os economistas os mais altos postos públicos de educação há mais de três décadas.

Os dois artigos citados foram produzidos por profissionais considerados altamente qualificados que, entretanto, ignoram as pesquisas mais elementares no campo da educação brasileira.

A Revista *Pro-Posições* seguirá publicando as reflexões e os resultados de pesquisa, com a esperança de que a grande imprensa e os poderes públicos deleguem aos educadores os estudos dos problemas relativos à educação brasileira.

Nesta revista, o dossiê coordenado pelo Professor Antonio Carlos Amorim pode ser sintetizado por dois parágrafos escritos na apresentação: *A leitura dos artigos de Ivor Goodson, Maria do Carmo Martins e Maria Inês Petrucci Rosa, linhas pulsantes que estendem este dossiê, é surpreendente passagem entre nome, corpo, substância e histórias de vida para afirmar o currículo*. Em seguida, diz o coordenador: *Outra vontade deste dossiê é aglutinar, na escrita, a dispersão caótica do pensamento sobre currículo, e deixar a caoticidade acontecer. Entre espaços escritos por Wladimir Garcia, Elenise Cristina Pires de Andrade e José Mario Aleluia Oliveira, aproxima-se Félix Guattari. Passagem de um campo para um plano de composição do currículo*.

A seção de artigos traz quatro textos abordando temas específicos e já tradicionais do campo da educação, como é o caso de Avaliação da aprendizagem no ensino superior. “ ‘Nota’ expressão do comportamento do aluno”, de Luiz Roberto Gomes, Jomar Barros Filho, João Luiz Pegoraro, Dirceu da Silva, Fernanda Oliveira Simon, e “Inspirações da memória e identidade docente”, de Maria Ângela Borges Salvadori, além de textos com temas da grande área das humanidades, o que também é uma prática da revista *Pro-Posições*. Estes últimos são: “Funções do discurso tecnológico na sociedade contemporânea”, de André Favacho e Daniel Mill, e “O movimento de potência/impotência de ação de catadores de material reciclável: o diálogo com a assessoria”, de Daiani Barboza e Andréa Vieira Zanella.

A seção Diverso e Prosa traz a parte II do texto “A Dança Moderna”, de John Martin, em continuidade ao já publicado na revista n.52.